

Estudos revelam fauna de São Paulo

Biólogos descobrem riqueza de espécies na capital, encontradas entre o concreto e o asfalto

Alexandre Gonçalves

Biólogos estão redescobrendo a biodiversidade da capital paulista. Nos últimos anos, alguns cientistas decidiram trocar viagens para ecossistemas distantes por incursões nos parques urbanos, nas matas que cercam a cidade e, até mesmo, no coração de concreto da metrópole. Os resultados surpreendem.

Rafael Indicatti, do Laboratório de Artrópodes do Instituto Butantã, por exemplo, identificou uma nova espécie de aranha na cidade. Não estava escondida em um tronco na Serra da Cantareira. Viviu no canteiro de concreto de uma palmeira, em plena Praça de Sé.

Não foi a única vez que a cidade revelou moradores inusitados entre o concreto e o asfalto. Inspeccionando um jardim de dois metros quadrados, em uma casa da Mooca, Indicatti descobriu uma nova espécie de caranguejeira. Os dois bichos devem ser descritos em artigos científicos este ano.

Antonio Brescovit, orientador de Indicatti no Butantã, recorda uma aranha recém-descrita. O bicho de um milímetro apareceu nas calçadas e nos terrenos baldios do Jardim Rizzo, zona oeste da cidade.

Brescovit quer montar um manual com todas as aranhas da cidade. Pode ser lançado em breve. "Há no mínimo 45 espécies urbanas de aranha em São Paulo", afirma o cientista.

Não é tão fácil encontrar no-

vas espécies de vertebrados. Especialmente na zona urbana. Mas São Paulo esconde segredos nas suas fronteiras.

O biólogo Leo Malagoli, da Universidade Estadual Paulista (Unesp), estuda anfíbios no extremo sul da cidade, no Núcleo Curucutu do Parque Estadual da Serra do Mar. "Há uma imensa riqueza de espécies: já encontramos 68 anfíbios em uma área de 300 quilômetros quadrados", afirma Malagoli, sublinhando que 25 quilômetros quadrados do núcleo estão em São Paulo. O resto pertence a Jiquitiba e Itanhaém. Na lista de anfíbios da região há duas espécies novas.

O ornitólogo Fabio Schunck, do Museu de Zoologia da USP, também faz trabalho de campo na zona sul, mas não espera encontrar espécies novas de pássaros. Sabe que o grupo já foi bem descrito. Nem por isso sua pesquisa carece de agradáveis surpresas. Ele tenta entender padrões migratórios de aves que



LEO R. MALAGOLI

Canto. O som emitido por esta perereca lembra o de uma flauta



Zona leste. Aranha de 3 centímetros encontrada por pesquisadores do Butantã na Mooca; a espécie ainda não foi descrita

voam milhares de quilômetros rumo ao sul. A Represa do Guarapiranga – que Schunck avista da janela da sua casa – é um dos pontos de descanso da jornada. Em 2004, o ornitólogo avistou dois legítimos tuiuiús na Guarapiranga. O pássaro, típico do Pantanal, não era visto desde 1900 na cidade de São Paulo.

Luís Fábio Silveira, professor da USP e orientador de Schunck, prefere observar pássaros na Cantareira, zona norte de São Paulo. No fim de semana, vai para lá com alunos. "O principal

sentido para quem estuda pássaros é a audição", afirma o pesquisador. "Praticar no fim de semana ajuda a manter o ouvido afiado para reconhecer o canto." Silveira participa de uma iniciativa chamada Contagem Global de Papagaios, organizada por pesquisadores da Universidade Leiden, na Holanda, e da Universidade Heidelberg, na Alemanha. O objetivo é montar uma lista de espécies de papagaios que ocorrem em cidades, especialmente as espécies não nativas que fugiram do cativeiro. Segundo Silveira, foram avistadas 16 espécies de papagaio na área urbana de São Paulo: 7 são exóticas.

Ricardo Sawaya, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), já participou de um levantamento, publicado em 2009, sobre os répteis do município. Nos últimos cem anos, foram encontradas 97 espécies de répteis na cidade, segundo análise da coleção do Instituto Butantã – destruída pelo fogo há um ano. Cerca

de 51 espécies desapareceram nos últimos seis anos, sugerindo a extinção de muitas delas na cidade. O pesquisador acredita que a destruição dos habitats constitui a principal ameaça, assim como, no passado, a variedade de ecossistemas na cidade – campos, Cerrado, mata – favoreceu a biodiversidade.



MARCOS NELLO

Nome popular. Miudinho

Empreendimentos imobiliários ameaçam animais

Dois rapazes chegam com filhotes de gambá em uma caixa de papelão. "A mãe foi atropelada", explica um deles. A ninhada será acolhida pela Divisão de Fauna da Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente de São Paulo. Quando possível, os animais são reintroduzidos à vida silvestre, explica Vilma Geraldí, diretora da unidade.

Ela diz que, quando há um grande empreendimento imobiliário avançando sobre os ecossistemas que sobraram, dá para prever: em breve, a divisão receberá animais silvestres feridos e assustados. Vilma crê que a formação de um cinturão verde ao redor da cidade, conectando os remanescentes florestais, ajudaria a proteger a biodiversidade do município. / A.S.

Viúvo, diácono realiza sonho e é ordenado padre

O ex-seminarista Aury Brunetti foi casado por 45 anos; com a morte da mulher, passa a ser, aos 80, o padre Aury Maria

José Maria Mayrink

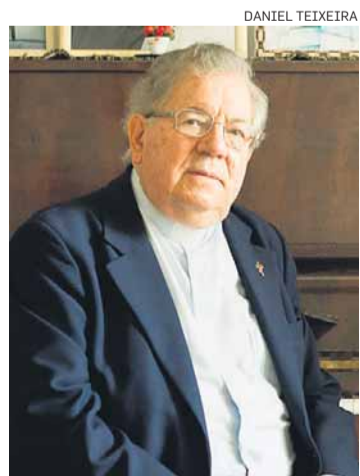
Seminarista, diácono casado, viúvo, padre. Aos 80 anos de idade, o escritor, jornalista e músico Aury Brunetti, paulista de Bebedouro, será ordenado sacerdote, na tarde de hoje, menos de 10 meses após ter perdido a mulher, Maria Aparecida, que morreu no dia 30 de julho, aos 95 anos. Foram 45 anos de casamento e 39 de vida eclesial.

Ordenado diácono permanente em 1972 pelo cardeal d. Paulo Evaristo Arns, o pioneiro Brunetti era casado desde 1965. Foi o primeiro diácono casado da Arquidiocese de São Paulo – e o único nas três décadas seguintes, até 2002, quando o cardeal d. Cláudio Hummes criou um quadro de diáconos permanentes, 63 atualmente.

Era uma situação nova, pois até o Concílio Vaticano II (1962-1965), o diaconato se destinava apenas aos candidatos ao sacerdócio. Os diáconos casados, que vivem em família (mulher e filhos) e devem ter uma profissão, atuam em três áreas

nas dioceses e paróquias: pregação do evangelho, distribuição da caridade e administração dos sacramentos do batismo, do matrimônio e da unção dos enfermos. Como não são padres, não celebram missa nem ouvem confissão. Brunetti somou várias funções. Foi redator e revisor da editora e da revista *Ave Maria* e compositor e organista da igreja do Imaculado Coração de Maria, dos padres claretianos, em Higienópolis. É conselheiro e assessor de imprensa da Redevida de Televisão e professor do curso de formação de diáconos.

Brunetti fez todos os estudos do seminário para ser padre – curso correspondente ao ensino fundamental em Rio Claro e três



DANIEL TEIXEIRA

Mudança de hábito. O agora padre Aury Maria: vida nova

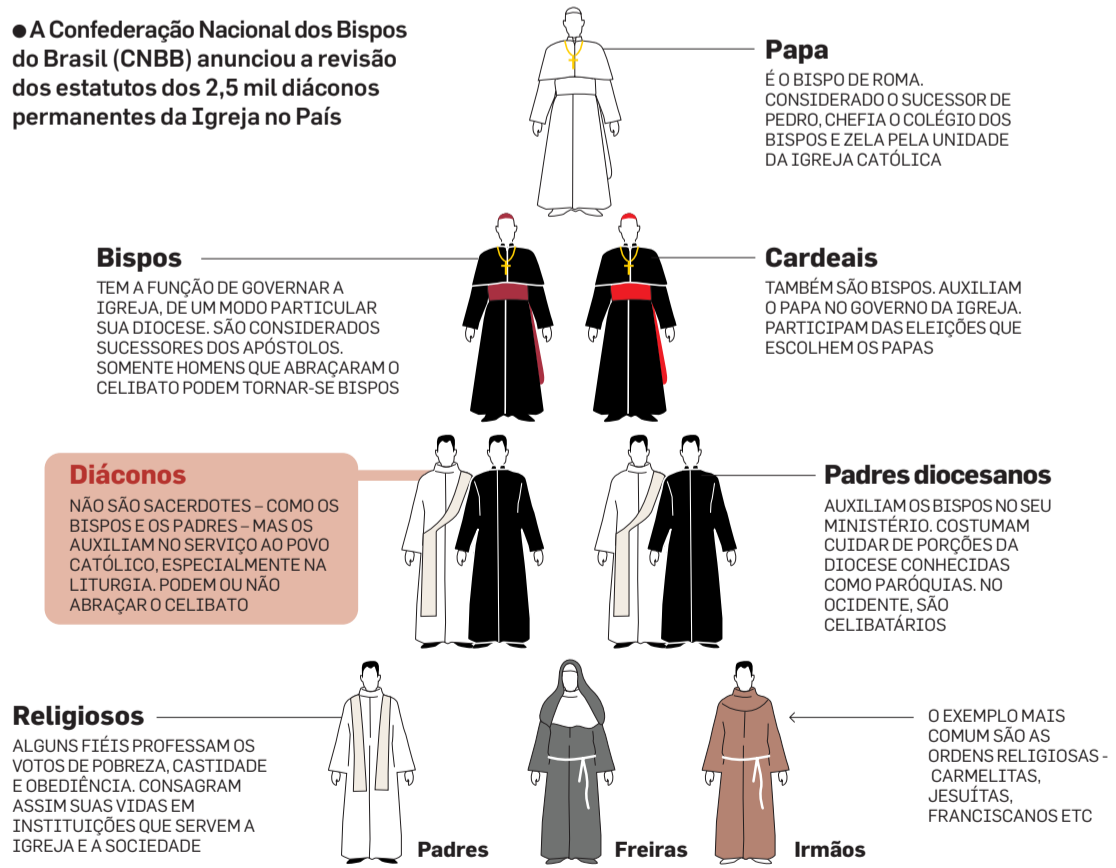
anos de filosofia e dois de teologia em Guarulhos, antes de ser enviado a Roma, onde fez mais dois anos de teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana. Escreveu, em latim, uma tese sobre o Pecado Original segundo Santo Tomás de Aquino e estava para receber o subdiaconato, então quando desistiu da carreira. De volta ao Brasil, passou seis anos como religioso dos claretianos, até tomar a decisão de sair.

Vocação. "Minha vocação era ser padre, para isso tive toda a preparação necessária, mas em 1955 resolvi dar um tempo. Depois de seis anos angustiantes, de muita oração e reflexão, decidi ir embora, mas não me afastei da Igreja Católica", disse Brunetti. Dispensado dos votos de pobreza, castidade e obediência em 1962, continuou como organista da paróquia do Coração de Maria, onde conheceu Maria Aparecida, soprano solista do coral, com quem se casou três anos depois. O casal não teve filhos. Brunetti e Maria Aparecida se dedicaram, em tempo integral, ao serviço da Igreja. Escreveu 14 livros e traduziu 8, todos de conteúdo religioso.

Se ainda pensava em ser padre, seu sonho de sempre, Brunetti não disse a Maria Aparecida, por respeito e amor a ela, porque o sacerdócio só seria possí-

ESTRUTURA DA IGREJA CATÓLICA

• A Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) anunciou a revisão dos estatutos dos 2,5 mil diáconos permanentes da Igreja no País



vel na hipótese de ficar viúvo. Com a morte dela, retomou a antiga vocação. Acatando a sugestão de amigos, o diácono converteu-se com d. Tarcísio Scaramussa,

bispo auxiliar responsável pela região Sé da arquidiocese, que levou o caso ao cardeal. Aury escreveu uma carta a d. Odilo Scherer no dia 23 de agosto – três sema-

nas após a morte de Maria Aparecida – e recebeu resposta positiva no dia 26 de outubro. Os meses seguintes foram de preparação para a ordenação sacerdotal.

CNBB anuncia regras mais rígidas para diáconos permanentes

Na semana em que o diácono Aury Brunetti será ordenado padre, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), reunida

em Aparecida (SP), anunciou uma revisão dos estatutos dos 2,5 mil diáconos permanentes da Igreja Católica do País. Ficou defini-

do, por exemplo, que sua função é auxiliar o bispo na distribuição da caridade – coordenando obras sociais da Igreja – e não servir de acólito ao padre nas celebrações litúrgicas, como costuma ocorrer.

O diácono que ficar viúvo continua sendo proibido de se casar de novo, com uma exceção: no

caso de ter filhos pequenos que precisem de cuidados maternos. A proposta de que viúvos idosos pudessem buscar uma nova companheira para ampará-lo não foi aprovada, assim como a proposta de que as mulheres pudessem ser ordenadas diaconisas.

O agora padre Aury Maria – sua

assinatura, ao receber hoje o sacerdócio – distribuirá aos convidados um folheto em homenagem às três mulheres de sua vida: Maria de Nazaré ou Nossa Senhora, a sua mãe Olympia Bená Brunetti e à esposa Maria Aparecida assumirá a função de vigário cooperador da Paróquia de São Geraldo, no

bairro de Perdizes, onde mora. A sala de estar de sua casa guarda lembranças eclesialísticas e familiares, como uma foto do casamento, Maria Aparecida vestida de noiva, entre as fotos de dois intérpretes do teclado – Aury ao órgão de um lado e o papa Bento XVI ao piano de outro. / J.M.M.